

nara roesler

são paulo

50



mônica ventura

antes da forma, o encanto

curadoria de catarina duncan

nara roesler são paulo

abertura 26 de maio

exposição 26 mai – 1 ago, 2026

mônica ventura antes da forma, o encanto

curadoria de catarina duncan

A palavra fetiche chega ao vocabulário da arte marcada por uma violência histórica. Sua raiz remonta ao latim *facticius*, aquilo que é fabricado, artificial, feito pela mão humana. No português, o termo deriva para a palavra feitiço, utilizada no contexto colonial para nomear objetos venerados pelas populações da Costa do Ouro na África investidos de poder espiritual e tratados pelo olhar europeu como superstição, exotismo e desrazão. Antes de ser categoria estética, o fetiche foi instrumento de distorção: uma tentativa de reduzir cosmologias complexas a curiosidades materiais.

Recuperar a raiz da palavra e realocar seus sentidos é disputar símbolos que nos constituem. O chamado “fetiche” reaparece não como superstição, mas como sistema simbólico, condensação de forças, objeto vivo inseparável de comunidade, rito e memória. A exposição evidencia que não existe objeto neutro: toda forma carrega relações, temporalidades e modos de mundo.

Na obra de Mônica Ventura, acessamos uma série de práticas que aproximam objetos e processos rituais de diversas origens através da arte. Não como ilustração histórica, mas como prática, tecnologia simbólica, operação de transformação, matéria animada. Esculturas, pinturas, instalações surgem como corpos-recipientes de energia, dispositivos de troca entre visível e invisível. A exposição propõe, assim, um deslocamento do fetiche colonial para a obra ritual – não como relíquia etnográfica, mas como presença ativa.

A exposição *Antes da forma, o encanto* apresenta desdobramentos da pesquisa que a artista vem desenvolvendo nos últimos dez anos ao lado de obras e instalações inéditas para pensar um universo no qual matéria e espírito não se separam. O escritor Senegalês, Leopold Senghor escreveu que “a emoção é negra como

a razão é helênica”, formulação apresentada em *Ce que l’homme noir apporte* (1939) e retomada em diversos ensaios posteriores. Frase muitas vezes debatida, mas que não se reduz a uma oposição essencialista, saindo em defesa de epistemologias sensíveis recusadas pela modernidade europeia. O sensível, aqui, não se opõe ao conhecimento: é outra via de inteligência da matéria.

A cabaça atravessa toda a mostra como eixo formal e ancestral. Para a artista, e a partir de muitas cosmovisões afro-indígenas, o fruto da *Lagenaria siceraria*, também conhecido como cuia, igbá ou poronga, é a forma matricial do mundo. Pensando a cabaça como vaso ritual e corpo ancestral, seu desenho curvilíneo, simultaneamente ventre, recipiente e semente, desdobra-se em múltiplas linguagens. A cabaça aparece em ouro, em aço corten, em madeira carbonizada, em cerâmica e em sua forma natural, tornando-se monumento: um corpo múltiplo.

A artista atua como pesquisadora ativa: investiga materiais, cosmologias, técnicas construtivas, liturgias, plantas, óleos essenciais, metais, pigmentos e modos de fazer que atravessam tempos e geografias. A exposição pensa identidades como rede em movimento contínuo, tornando o espaço expositivo em um laboratório, abrigo e altar. Da alquimia e da espagiria à construção de altares; dos modos de erguer paredes de terra às geometrias devocionais; das oferendas votivas às arquiteturas simbólicas que atravessam o hinduísmo e o Candomblé. Essências, circulação, retornos: tudo gira como roda. Nesse circuito, acessamos princípios dinâmicos como passagens, trocas e recomeços.

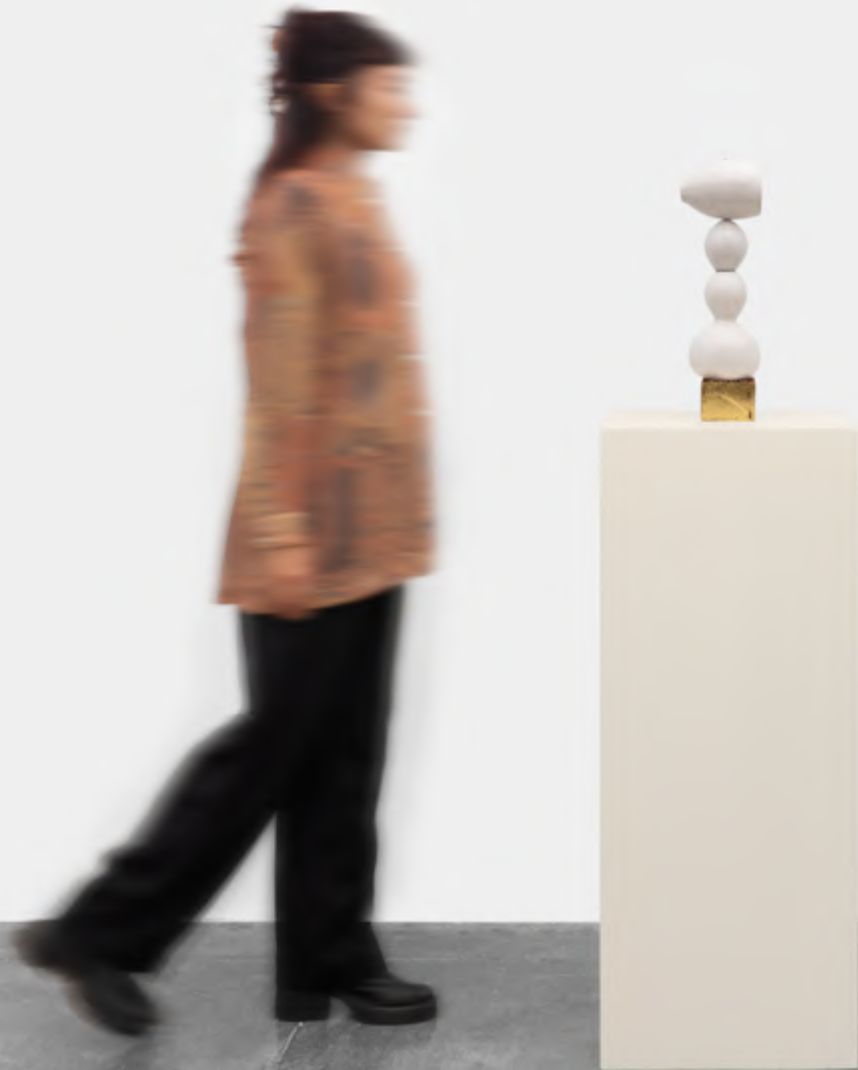
Se o fetiche colonial procurou aprisionar o objeto em uma leitura fixa, Mônica Ventura devolve à forma sua instabilidade original. Cada obra é um feitiço que age, transforma e devolve movimento ao mundo.

Paisagem para um sol negro
(série *A grande dama*), 2026
aço corten, cabaça, latão
edição de 3 + 1 PA
190 x 100 x 134 cm





Passarinhas, 2026
porcelana, latão, madeira
e folha de ouro
43 x 11 x 14,5 cm



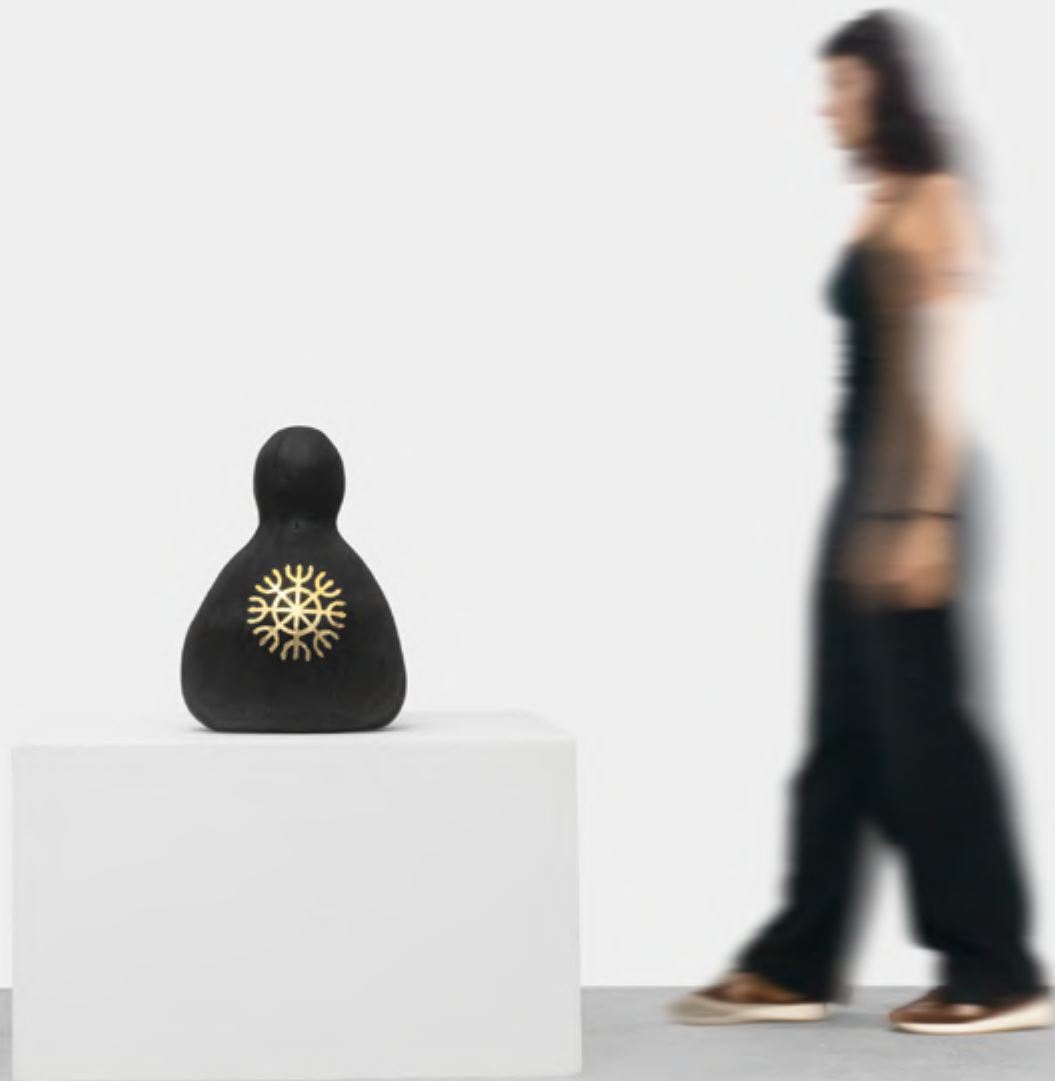


VIII (série *Alteia*), 2026
tinta óleo sobre tela
198 x 198 cm





Excorpóreo #04, 2026
madeira carbonizada e folha de ouro
49 x 36 x 35 cm





Passarinhas, 2026
porcelana, latão, madeira
e folha de ouro
53 x 15 x 11 cm







"Quando eu trago o conceito do ancestral, não é pensar o passado distante, mas sim uma presença contínua que insiste no agora. É algo que retorna não como uma repetição, mas como variação, desvio, reinvenção. O tempo não como linha, mas como giro, percebido em camadas que se atravessam."

—Mônica Ventura

"Quando eu trago a cabaça, ela aparece como um corpo ancestral, uma tecnologia sensível. Ela é ventre, recipiente, mundo. E aí a forma não representa, mas ela condensa, e nela a gente encontra o interior e o exterior. É como uma matriz que não apenas organiza a matéria, mas orienta os modos de perceber, de conter, de oferecer."

—Mônica Ventura



vista *O Sorriso de Acotirene* na
exposição *Histórias Feministas*,
MASP, 2019

Excorpóreo #01, 2026
madeira carbonizada e folha de ouro
48 x 40 x 30 cm





A noite suspensa - União dos opostos, 2026
terra, pigmento e latão
edição de 5 + 1 PA
Ø 40,5 x 5 cm





A noite suspensa - Corpo solar, 2026
terra, pigmento e latão
edição de 5 + 1 PA
30,5 x 34 x 5 cm





X (série *Alteia*), 2026
tinta óleo sobre tela
198 x 205 x 3,5 cm





Excorpóreo #05, 2026
madeira carbonizada e folha de ouro
50 x 29 x 30 cm





"Cada peça é menos um fio do que um acontecimento. Um feitiço, no sentido mais preciso, é aquilo que não age para encerrar, mas para abrir. O feitiço, ele é um grande portal."

—Mônica Ventura



A guarda do tempo, 2025
latão
edição de 5 + 1 PA
27 x Ø 17 cm





XI (série *Alteia*), 2026
tinta óleo sobre tela
198 x 200 x 4 cm





Excorpóreo #03, 2026
madeira carbonizada e folha de ouro
51 x 34 x 28 cm





De Amanhã para Ontem, 2021
Centro Cultural São Paulo,
São Paulo, Brasil



Mônica Ventura, abril de 2026
Foto: Tatiana Mito



mônica ventura

n. 1985, São Paulo, Brasil

vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Mônica Ventura é uma artista visual e designer, formada em Desenho Industrial pela FAAP, e mestre em Poéticas Visuais (PPGAV) pela ECA-USP, cujo trabalho investiga as complexas intersecções entre o feminino e a racialidade. Através de uma pesquisa aprofundada, a artista resgata e reinterpreta elementos culturais pré-coloniais como a arquitetura e as técnicas de trabalho manuais dos povos afro-ameríndios. Para Ventura, esse mergulho em saberes ancestrais é uma forma de reconexão pessoal. “A ancestralidade é uma chave para lembrarmos de quem somos e de seguir se desvinculando do plano colonizador que visa polir a individualidade”, explica.

Sua prática multidisciplinar abrange vídeo, escultura e pintura, permitindo-lhe transitar entre o espiritual e o concreto, e dar voz às experiências multifacetadas das mulheres negras, com um olhar que combina força e a delicadeza do feminino. Ao desafiar o formalismo estético, Ventura cria um “belo ruído organizado”, que convida o público a refletir sobre identidade, memória e poder.

exposições individuais selecionadas

- *Mônica Ventura: Daqui um Lugar*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2025)
- *A Noite Suspensa ou o que posso aprender com o Silêncio*, Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil (2023)
- *O Sorriso de Acotirene*, Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)

exposições coletivas selecionadas

- *Padê – sentinela à porta da memória*, Museu Afro Brasil, São Paulo, Brasil (2026)
- *Dos Brasis: arte e pensamento negro*, SESC, São Paulo, Brasil (2023–2024)
- *Cantando Bajito: Incantations*, Ford Foundation, Nova York, EUA (2024)
- *Encruzilhadas da Arte Afro-brasileira*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), São Paulo, Brasil (2023)
- *Brasil Futuro: Formas da Democracia*, Museu da República, Brasília, Brasil (2023)
- *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)
- *Enciclopédia Negra*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *Histórias Feministas*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2019)

coleções selecionadas

- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

nara roesler

50

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art